

A RELAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO SÍMBOLO VISUAL DE ACORDO COM O MEIO DIFUSOR E SEU VALOR HISTÓRICO DE USO

A RELATIONSHIP AND MEANING SYMBOL OF VISUAL AGREEMENT WITH THE MIDDLE DIFFUSER AND IT'S HISTORICAL VALUE OF USE

¹ VITORETI, T; ² VALVERDE, D. L. A.

¹ FEMA - Fundação Educacional do Município de Assis – Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

¹ UEL - Universidade Estadual de Londrina – Programa de Mestrado em Comunicação Visual.

² FIO - Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

Nota-se que nas redes sociais ativas como *Facebook* e *Twitter*, retoma a apropriação de símbolos visuais já reconhecidos e compactuados historicamente, passando a deter com o advento das redes sociais interativas, novas formas de significado através de sua adequação as plataformas comunicativas e seu sentido atribuído neste recorte. O elemento pictográfico que utilizaremos como exemplo é um símbolo, assim classificados em semiótica, e sua posterior relação de significados a partir de um pensamento que perpassa a historicidade redimensionando símbolos de maneira apropriada ao meio que o profere. Nesta presente temporalidade, deparamo-nos com embalagens de produtos voltados para as mais diversas categorias dentre elas o alimentício, e as mídias, que transportam os mesmos símbolos em uma espécie de hiperveiculação de sinais e correlação. No entanto, estuda-se neste artigo a relação do símbolo escolhido, e como este elemento pictográfico apresenta-se inserido nas linguagens iconográficas como as charges por exemplo, em relação ao significado na rede social e nas outras instituições que adotaram este recurso imagético para significação e uso social.

Palavras-chave: Símbolo. Rede Social. Charge. Signo.

ABSTRACT

Note that active on social networks like Facebook and Twitter, takes ownership of visual symbols already recognized and compactuados historically and now holds with the advent of social networking interactive, new forms of meaning through communicative adequacy platforms and their meaning assigned this cut. The pictographic element to use as an example is a symbol so classified as semiotics, and its subsequent meanings relationship from a thought that pervades the historicity resizing symbols appropriately to the way it utters. In this present temporality, we are faced with packaging products for many different categories among them the food, and the media, which carry the same symbols in a kind of hiperveiculation signal and correlation. However, in this article we study the relationship of the chosen symbol, and how this element pictographic presents iconographic language inserted in the cartoons as eg in relation to the meaning in the social network and other institutions that have adopted this feature imagery for meaning and social use.

Keywords: Symbol. Social Networking. Charge. Sign.

INTRODUÇÃO

As plataformas de comunicação atuais recobrem através das mídias o grande poder significativo que os símbolos empregam nas ações em rede.

Aqui se pretende buscar compreender a relação dos elementos visuais que

denotam e conotam a partir do contorno simples, de fácil e sutil adequação que o símbolo especificamente tratado neste trabalho detém. Isso conduz a uma esfera temporal demarcada, e atribui seu uso enquanto agente mediador de signos.

Este estudo, sobre os rumos e os objetivos de identificação e empatia por meio da utilização de símbolos, arranja-se como complementação simbólica a fim de remeter a rede social que o emprega em suas atividades, no intuito de mencionar ao usuário de serviços eletrônicos que emite tal linguagem iconográfica, identificação e afinidade à outros mercados.

Sabe-se que historicamente o mesmo objeto visual estudado neste artigo serve de base e significação em cada esfera que a imagem atua.

Cada efeito produzido pelo símbolo seja ele no *Twitter*, ou no teclado do telefone ou computador, quando inicia-se uma recriação com o popular 'jogo da velha', ou ao praticarmos a leitura musical em tablatura encontra-se o signo representante do sustenido, símbolo também encontrado nas locomotivas da antiga empresa Fepasa que atuava com trens.

Note-se que o símbolo visual pouco ou quase nada mudou. Adaptou-se como um camaleão social/visual que toma campo na atualidade, em decorrência de seu uso e disseminação hiperdifusas.

Estas figuras são tratadas como símbolos em semiótica. O símbolo qualidade mental de associação de elementos que representam a qualidade de estar no lugar do objeto para assim representá-lo.

O conceito de símbolo é claro como traduzido acima pelos ensaios de Lúcia Santaella no quarto capítulo da obra "Computação, Cognição, Semiose, de 2007. Nele a pesquisadora discrimina a popularização e posterior banalização do termo léxico do conceito de símbolo, onde a mesma, alega que o símbolo envolveu-se em uma nebulosidade em sua própria significação por sua ampla via usual pela palavra.

No campo das mais diferenciadas ciências e artes, a palavra símbolo foi e continua sendo empregada com tal generosidade que seu sentido se envolveu em brumas. A definição pierciana, ao contrário, é técnica e precisa. Para chegar a ela, devemos começar pelo entendimento do legi-signo, pois é nele que o símbolo encontra seu suporte. (QUEIROZ I, LOULA II, ÂNGELO III. 2007, p. 129.)

Entende-se por legi-signo, um signo que é pertencente por convenção, por

entendimento e aceitação, portanto torna-se uma lei natural de atribuição de significado.

O símbolo por encontrar-se enquanto agente arbitrário, que em sua convenção, constrói a representação coletiva e o entendimento necessário para que o objeto figural torne-se símbolo.

Para desenvolver esta relação de objetos visuais com seu ambiente de veiculação e atribuição de valores, veja-se como é classificada a por semiótica Lucia Santaella.

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (1987, p 15.).

Para entender-se como este símbolo carrega suas significações mediante sua inserção e forma de associação, o símbolo ganha um nova leitura que dependerá da atualização social e da utilização que se tem relatos e que se tem aceitado em uma conjuntura social.

As charges entendidas como instrumentos de reflexão e destronamento político, servirão de apoio para a sustentação do propósito do artigo, levantando-se as formas de significação que a história incrementa ao elemento pictográfico.

No tocante às linguagens iconográficas analisar-se-ão as charges do brasileiro Carlos Latuff, estas, produzidas no ano de 2011 para confronto de significações em torno do mesmo símbolo e sua posição temporal de acordo com as questões aqui investigadas através das visualidades.

O efeito dirigido à charge no entanto, não muda a intencionalidade do resultado esperado desta linguagem iconográfica. Apenas é inserido para uma finalidade de compartilhamento na tualidade e confrontação de campos onde o símbolo situa-se.

As charges são poderosos destronadores e absorvem boa parcela da opinião mais próxima ao intelectualismo que não pode ser dita em palavras.

A partir das considerações ensaiadas por Romualdo (2000, p. 5) ao qualificar a charge enquanto texto, o autor define a charge como “um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada”.

A charge de um quadrinho ou cartum, com características humorísticas,

funcionaria como um apelo, ou uma divulgação do que está publicado no jornal, servindo como referencial às outras notícias ou até mesmo como estímulo à leitura de editoriais e opiniões. (ROMUALDO, 2000).

A cultura é o pano de fundo ao qual o receptor está intimamente ligado e condicionado a aceitar a disseminação imagética, e associar valores e crenças que estejam de acordo com seu propósito de identidade ao usar a rede social. É necessário atentar-se ao fato de não provocar rupturas culturais e causar estranhamento e desconfiança, já que não se muda a cultura das pessoas mas sim adéqua-se a ela.

Marcas e seus respectivos produtos imprimem em sua embalagem o símbolo 'curtir' para remeter ao *Facebook*, estratégia essa, que ilustra a identificação e força da marca com seus usuários. Em vias inversas, porém recíprocas de posicionamento em termos de mercado, produtos que trazem consigo elementos visuais pertencentes a composição das redes sociais ganham relevância e tornam-se produtos que levam o consumidor em um caminho mútuo de condução de usuários, tais como do *Facebook* e do *Twitter*, para as marcas que agregam seus produtos à seus elementos, e inversamente produtos tangíveis imprimem e remetem por meio de símbolos, tais redes sociais.

O elemento chave destas significações através desta figura abordada, finca os pés na história e demonstra como o uso do símbolo em áreas diferentes reforça a questão arbitrária de construção e atribuição dos símbolos que por seu modo composicional, termos traduzentes ao conceito de ícone, e índice, que estão alocados no símbolo sendo estes dois partes inseparáveis do símbolo. Para ilustrar este pensamento alguns autores mantêm proximidade de associações e reflexões

Vejam-se algumas classificações de Símbolo:

- 1) As noções de índice e de ícone diferenciam-se da noção de símbolo por manter um vínculo com a coisa significada, vínculo que falta na noção de símbolo. (CORRÊA, 2002, p.18).
- 2) Sintoma, indício, sinal manifesto a partir dos quais se podem tirar deduções e similares a respeito de qualquer coisa latente. (ECO, 1973, p. 15).

As imagens sugeridas e escolhidas para a confrontação e debate das questões levantadas são facilmente encontradas na internet pela sua veiculação incessante e constantemente recíproca às mídias convergentes.

No apoio imagético o cruzamento das informações levantadas sobre o símbolo estudado, dá o direcionamento e o próprio confronto com cada 'representamem' aqui já colocados como significadores a partir de seu período histórico. Toda transportação do símbolo através dos veículos que o emanam determinam como cada elemento chave destas significações através desta figura abordada, finca os pés na história e mostra como o uso do símbolo em áreas diferentes reforça a questão sociológica e compreensão mútua pelo corpus social.

Veja-se no apoio imagético o símbolo e pelo próprio recurso da imagem analisado ao nosso tempo, a percepção das entidades que o proferem de acordo com cada significação adjunta ao meio difusor.

Figura 1 - *hashtag* da rede social *Twitter*



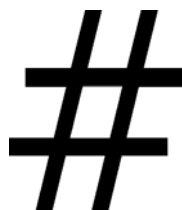
A imagem 1 é a popular *hashtag* do *Twitter* rede social que detém e utiliza o símbolo buscando a significação de compartilhamento. A *hashtag* na rede significa atualização, já que nos tempos atuais atualização é o argumento de ordem exclusiva da internet e dos sistemas eletrônicos de comunicação.

Figura 2 – Símbolo da Fepasa – Ferrovias Paulistas SA



Observe-se na imagem 2 antiga locomotiva da extinta Fepasa com o símbolo na lateral da máquina.

Figura 3 – Nota musical - Sustenido



Na terceira comparativa do símbolo, chega-se ao campo da música que o mesmo representa sustenido, ou seja meio tom acima da nota central. Tome-se como exemplo e toca-se a nota G (SOL) como ponto de partida se terá então G# meio tom acima da nota sol. Esta linguagem encontra-se no modelo de tablatura, uma alternativa à partitura para leitura musical.

Figura 4 – anúncio intermídias



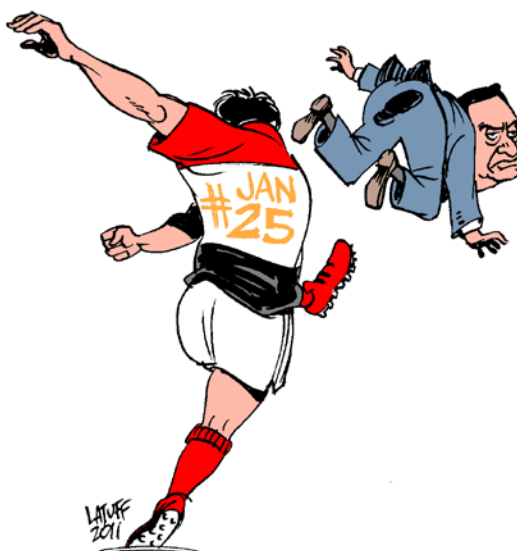
Este anúncio para a TV, recomenda que os usuários além de acompanhar a programação também a compartilhem na rede social, uma espécie de interação e participação intermídias.

Para conclusão imagética e demarcação temporal através do símbolo ilustram este trabalho, as artes produzidas pelo chargista Carlos Latuff no ano de 2011 retratando a tensão no mundo árabe. Baseado em charge feita em homenagem a Khaled Said, mártir do movimento de 25 de janeiro do mesmo ano contra o ditador Hosni Mubarak, Carlos Latuff publicou algumas charges sobre a temática e a intitulou de Egypt, Latuff é conhecido por trabalhar desde o início dos anos 1990 até os dias atuais para a imprensa sindical, é cartunista e ativista político. Abaixo na sequência de quadros podem-se destacar algumas delas

pertencentes ao tema e qual a função do símbolo atraindo e rememorando a popular 'hashtag' # e seu status e qualidade de compartilhamento entre as mídias sociais e as tradicionais.

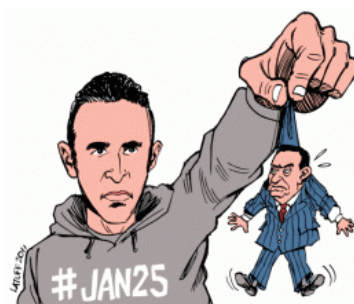
Todas as artes seguintes são de autoria de Carlos Latuff, foram produzidas em 2011, período este que condicionou o símbolo as charges, fora deste contexto e do período, o símbolo não representaria ou teria espaço de utilidade e reconhecimento.

Figura 5



Na charge acima é verificável o símbolo utilizado remetendo a era vigente, onde tudo encontra-se compartilhado entre as mídias, pois há também na interação o espaço popular e a condição de pertencimento advinda com as redes sociais. Não se trata do grau de participação, mas sim do pertencimento que cada indivíduo ostenta participação.

Figura 6



A visibilidade e a justaposição do símbolo são destacáveis na arte do chargista e cartunista denotando a relevância das redes sociais independente de qual meio reproduz a charge. Neste caso as charges são colocadas em um único quadro, podendo ser elaborada também em um conceito de sequencialidade da narrativa, o que Edson Carlos Romualdo classifica como contexto intericônico que baseia-se na sequencialidade da narrativa, sua linearidade, tal conceito é encontrado com frequência nos jornais impressos de grande veiculação nacionais tais como Folha de São Paulo, e o Estado de São Paulo.

Figuras 7 e 8



A inserção deste símbolo hoje dá-se de forma ampla, difusa e hipermediática, conferida a partir do momento em que demarca sua posição histórica. Tais quadros dialogam com a temática e a necessidade de uso de elementos visuais que são capazes de denotar pelo simples traço e construto que remete ao campo das significações, assim como as charges e seu conteúdo crítico o elemento visual é colocado na condição de temporalidade percebida e que mídias imperam e determinam a comunicação contemporânea. As charges de Romualdo instauram-se na era de compartilhamento e disseminação, já que a ordem do meio é a abrangência e a divulgação para maior parcela da audiência.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a execução deste trabalho, foram utilizados arquivos de jornais, revistas científicas, além de obras acadêmicas, nas bibliotecas da FEMA-

Fundação Educacional do Município de Assis, da Biblioteca da UNESP de Assis, dos arquivos do CEDAP-Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, da UNESP de Assis, e na Biblioteca Setorial de Ciências Humanas e Biblioteca Central da UEL, Universidade Estadual de Londrina. Após a coleta, foram fichados e catalogados, analisados e interpretados às luzes das teorias relacionadas com a temática desenvolvida.

Pretendeu-se juntamente com a consulta às bibliotecas citadas acima, pesquisar a partir de fontes eletrônicas disponíveis na Internet, para complementar os materiais coletados, permitindo o confronto entre dados tradicionais e eletrônicos, já que, este estudo tem como base propriamente analítica das redes sociais eletrônicas em dialógica com o mundo externo ao eletrônico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não se pode duvidar que a interatividade que existe neste sistema é seu argumento de ordem exclusiva, a saturação da escrita no meio digital leva as construções pela imagem. A imagem com seu caráter de ambiguidade dependerá mais da leitura que se realiza ao seu objeto de acordo com as premissas do grupo social que entende o signo e o utiliza.

A classificação dos usuários de uma rede social hoje evidencia uma espécie de universalidade e livre faixa etária, já que diversos públicos estão à frente, e tem em mãos a tecnologia e o ensinamento para operar tais mecanismos.

O entendimento de arte é pouco importante neste caso. A arte é o que ela transmite a cada um, pois a inteligibilidade para compreensão de uma obra de arte requer análise e um olhar abastado de preconceitos, já que envolve historicidade e temporalidade para análise fina.

No comércio da arte, o culto estético cede lugar ao objeto decorativo que exige ambientação, espaço, iluminação, perspectiva, que, homogeneizados, condicionam sua percepção; nessa perspectiva a Estética não reconhece problemas como estrutura, relações internas, formas e forças que são dominantes e visíveis à percepção em função arguta e simultânea do receptor. (FERRARA, 1986 p, 52).

A estética presente nos meios eletrônicos detém inúmeras possibilidades de transformação ou adequação de conteúdo direcionado. A Arte é reinventada para que não cause constrangimento, o entendimento de Arte e seu conceito, não são a

prioridade desta mídia para fins comerciais, ela desfruta assim como outras mídias do poder que exerce sobre seus usuários.

A estética impõe uma linha divisória entre seus domínios e a realidade, entre o abstrato e o concreto, entre o definido e o indefinido, entre a teoria e a prática; entre o conceito e o objeto, entre a estética e a arte. Portanto, não podemos analisar, ao mesmo tempo, os dois elementos, pois a estética retira-nos a possibilidade de ver a Arte enquanto experiência localizada no mundo sensível, trata-se de dois domínios que se espelham, mas não se reconhecem e, portanto, são intransitórios de um para o outro. (FERRARA, 1986 p. 50).

No entanto, a arte que resignifica na rede é a partir da rede agora. Nada mais anterior a esta fusão é capaz de tomar o signo que o símbolo apropriou-se por consenso, e a arte passa a ser o elemento que se faz oculto ao símbolo, já que se analisado a partir de sua primeira utilização adentra-se em um mundo remático, em outros termos torna-o vago, porque uma vassoura não pode simbolizar o mesmo que este símbolo? Ora, pois a vassoura não foi atribuída ao signo, porque um signo e uma funcionalidade e utilização maior já à abarca. O símbolo ilustrado neste trabalho apresenta várias significações por não possuir uma materialidade apenas uma representação visual ao meio e a intenção que desperta a intencionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se a importância que o recurso visual detém na atualidade. Os meios audiovisuais trouxeram em seu decurso novas possibilidades de efeitos por e através de imagens. Porém este estudo mostra não a capacidade criadora, mas sim re-criadora de um símbolo já existente, que contornado seja pela cor ou por seu traço mais tênue ou acentuado, assim como pelo construto que cognoscível aos usuários faz o símbolo percorrer esferas e servir a propósitos distintos mediante sua divulgação e utilização.

A história encarregou-se de atribuir signos que enalacrados neste objeto visual, levam e conduzem os utentes ao seu encontro mediante sua situação temporalizada. Em cada superfície que o símbolo encontra posicionamento e atribuição social, seu conteúdo léxico aparece de forma natural, e o símbolo serve para reconhecimento dos envolvidos ao seu redor e a partir de sua posição impositiva, representa os anseios maiores do objeto comum à comunidade que o adota.

O reconhecimento das figuras empregues e a aceitação coletiva das imagens com seus respectivos signos, aprimora a experiência do usuário situando-o em sua esfera reforçando o fenômeno que nos deparamos diariamente nas plataformas de comunicação utilizadas, pois o símbolo emanado de uma rede logo desprende-se e leva a outros portais midiáticos dos quais permanecem interconectados.

O fenômeno das redes sociais mostra ainda a importância e influência que os meios eletrônicos de comunicação desempenham nas vidas do cidadão. Atualmente em função das novas formas de comunicação via internet há uma nova perspectiva de tempo e espaço.

A confluência de informações que empilham sobre as imagens trazem a importância da era atual em significar através das imagens. O fato é que o meio acadêmico ainda não acata completamente as investigações científicas relatadas apenas pela imagem. Porém, é indiscutível que o conteúdo imagético é poderosamente mais abrangente pela técnica ao texto literário exercido na grafia. Todavia, a leitura de imagens toma proporções polissêmicas e possibilita o equívoco em muitos casos. A imagem afirma e nega assim como o símbolo. O que ele traz consigo é o poder de associação e *status* mediante seu reconhecimento.

Não seria portanto possível, usar um símbolo sem manter uma necessidade de significação se não se respeita a hierarquia de valores dos envolvidos no processo de uso da figura.

O discurso do receptor respeita a hierarquia discursiva, a escala de valores, a linguagem, a retórica do discurso emissor e, por isso, a ele se superpõe, entretanto essa superposição não pode ser entendida, a partir do nosso ponto de vista, como um discurso paralelo” (FERRARA, 1986, p. 79).

Determinismos no mundo digital são meras possibilidades, já que o modelo atualiza-se e está em pleno desenvolvimento tecnológico e convergente. A imagem nunca percorreu um caminho tão amplo ao mesmo tempo nas mídias como ocorre nos dias atuais. Dado a este feito, os símbolos ganham mais atribuições significativas para que não confundam-se em seus próprios recursos de significação.

Faz-se crer portanto que o grupo social, a comunidade em sua

geolocalização política e territorial depende de suas ações inteligíveis com os objetos visuais para que seu uso seja claro além de denotar e conotar significação pela imagem em seu campo e código que o símbolo visual representa nas esferas dialogadas neste artigo tais como, os campos da música, a pintura na lateral das locomotivas, o popular jogo da velha, teclados de celulares e computador, representação de número, ou nas próprias redes sociais, e a presente e mais abrangente hashtag.

Estes, por sua vez, detém forte significação somente pelo recurso imagético. As comparações e apresentações de dados são reconhecíveis e aceitas para comparação de signos presentes no símbolo que serve, e serve-se de atualizações para que assim possa significar e adequar-se às linguagens traduzentes em busca do significado e uso da representação visual, que determinará seus agentes e seu destino, propiciando novas leituras que o tempo e seu decorrer trarão ao elemento reconhecível e historicamente compactuado.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e Comunicação Social**: visões da Linguística Moderna. São Paulo: Parábola, 2002.
- ECO, Humberto. **O Signo**: EDITORIAL PRESENÇA, LTDA. LISBOA. Título original: **SEGNO** . copyright 1973 by ISEDI, Instituto Editoriale Internazionale, Milão, Itália.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Semiótica**: A Estratégia dos Signos; Linguagem / Espaço / Ambiente Urbano. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia; um estudo das charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.
- QUEIROZ I, João; LOULA II, Ângelo; GUDWIN III, Ricardo R. **Computação, cognição, semiose**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- SANTAELLA; Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1987.